

Massimo Sambucetti/AP 19.09.02

## Há risco de os EUA isolarem o Brasil

*Washington — Um ano depois de deixar o poder, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso se dispôs a fazer sua primeira análise detalhada do governo do sucessor. Em entrevista à Agência Estado, na véspera de embarcar com dona Ruth para São Paulo, para os feriados de fim de ano, ele avaliou vários aspectos do governo petista. Para FHC, as viagens de Lula ao exterior são necessárias. "No mundo de hoje, os presidentes são obrigados a viajar. O errado foi eles (PT) terem me atacado tanto sem ter noção disso". Ele também alerta para o risco de isolamento externo do país se decidir partir para um confronto com os Estados Unidos. De acordo com o ex-presidente, a marca do novo governo tem sido a da continuidade. Leia abaixo os principais trechos da entrevista:*

**O sr. disse que vê continuidade no governo Lula. Para o PSDB, o primeiro ano do PT foi um fracasso. FERNANDO HENRIQUE CARDOSO** — Todos os governos fazem mudanças. A profundidade varia, e depende de momentos históricos. Getúlio Vargas criou uma base que expressou um momento. No governo de Juscelino Kubitschek, o Brasil se democratizou e começou a ter ligação com a globalização. Os militares, sobretudo no período (Ernesto) Geisel, montaram outro modelo. Penso que o Plano Real marcou o início de um novo momento. Quando falo em continuidade, é a isso que me refiro. Não estou falando sobre a continuidade do que eu, como presi-

dente, fiz. Algumas pessoas, inclusive no próprio PT, achavam que eles tinham um modelo novo. Eu não vi até agora esse modelo. O que estou dizendo, ao falar em continuidade, é que não houve uma ruptura. E não acho isso mau. Não falo em continuidade no sentido de que estão fazendo as mesmas coisas, da mesma maneira. Acho que em alguns setores estão até piorando. Portanto, não há incompatibilidade entre o que eu disse e o que meu partido diz.

**Para fazer o contraste com seu governo, usa-se o argumento de que o de Lula quer o desenvolvimento.**

FHC — Mas qual é o governo que não quer o desenvolvimento? O problema não é de querer, é de como fazer. Isso não depende apenas da vontade do governo, mas de circunstâncias. O governo Lula pegou um quadro internacional mais favorável do que o do meu período. As crises financeiras diminuíram. O Brasil vive um *boom* exportador, que é o resultado da mudança cambial. A reversão das contas externas aconteceu há dois anos. A expansão da agricultura também foi montada há algum tempo. O que estamos vendo são os resultados. Aí também não vejo ruptura.

**Parece haver continuidade também na relação com os EUA, no qual o sr. investiu bastante. Para surpresa de muitos, George Bush, que é talvez o presidente mais direitista que os EUA já teve,**



FHC, COM DONA RUTH: PREOCUPAÇÃO COM O FUTURO RELACIONAMENTO COMERCIAL COM OS ESTADOS UNIDOS

**e Lula, que é o mais esquerdista da história do Brasil, estabeleceram diálogo cordial.**

FHC — Uma coisa são as relações pessoais, podem ser melhores ou piores. Aparentemente, há uma química boa entre Lula e Bush, como havia entre mim e Clinton. Não sei qual é o grau efetivo dessa química. Isso só Lula e Bush podem dizer.

**A política dos EUA em relação ao Brasil mudou?**

FHC — Não. Na transição, o governo americano apoiou o governo Lula. O Fundo Monetário Internacional, no qual os EUA têm grande influência, teve atitude absolutamente positiva. Também aí não houve mudança. Eu tive mais dificuldades com o FMI, no começo, do que Lula. Não por causa do Lula ou

de mim, mas por causa da situação. Nós construímos uma situação boa. A herança é boa. É tão boa que essas organizações todas ficaram contentes de não ter havido mudanças.

**As negociações da Alca são o grande desafio do relacionamento entre os dois países. O sr. as teria conduzido de forma diferente do governo Lula?**

FHC — Dificilmente. Os americanos não querem fazer duas coisas que eu considerei condições necessárias à nossa participação: mudar a maneira como usam o antidumping e mexer na questão dos subsídios à agricultura. Diante do impasse, deram, agora, uma volta por cima e resolveram fazer um cardápio com múltiplas escolhas. Aí não há en-

frentamento. A decisão que Brasil e EUA tomaram em Miami foi dizer: não vamos brigar. Houve uma acomodação conveniente para os dois lados.

**O sr. vê risco, para o Brasil, nessa acomodação?**

FHC — O risco que vejo é que, se os EUA forem avançando em negociações bilaterais com outros países, com base no cardápio, vamos ficar isolados. E poderemos ter os EUA como nosso concorrente na América do Sul.

**Há riscos na estratégia de comércio exterior?**

FHC — Precisamos perguntar quais serão nossos parceiros daqui a 20, 30 anos. Será que não estamos nos arriscando a jogar uma carta de isolamento? Isso não é um jogo de respostas fáceis. Decisões que estão se to-

“  
SERÁ QUE NÃO ESTAMOS NOS ARRISCANDO A JOGAR UMA CARTA DE ISOLAMENTO? ISSO NÃO É UM JOGO DE RESPOSTAS FÁCEIS  
”

mando agora terão efeitos mais tarde. É uma discussão de interesse nacional que nunca tivemos. Convém a nós ou não a aliança mais profunda com os EUA? É preciso que o Brasil pense mais sobre o que acontecerá daqui a 20, 30 anos.

**Lula está sendo criticado pelo que ele e outros criticaram no sr.: a frequência das viagens ao exterior.**

FHC — No mundo de hoje, os presidentes são obrigados a viajar. Primeiro, há muitos encontros de cúpula que viraram rotina. O errado foi eles (PT) terem me atacado tanto sem ter noção disso. Outro dia o assessor internacional do Lula (*Marcos Aurélio Garcia*) disse que a diferença é que eu fazia viagens para ter vantagem pessoal e nas viagens do Lula a vantagem é para o Brasil.